

## GEOGRAFIA E LITERATURA: A LEITURA COMO FERRAMENTA DE ENTENDIMENTO GEOGRÁFICO

Maria Aletheia Stedile Belizário <sup>1</sup>  
Marcele Lima de Oliveira <sup>2</sup>  
Maria Juliana Leopoldino Vilar <sup>3</sup>

### RESUMO

A expansão de temas abordados pela Ciência Geográfica, nos faz refletir sobre a amplitude de novas possibilidades que relacionam espaço e cultura. A literatura é uma expressão da arte, que carrega em sua essência, pensamentos, percepções vivências e símbolos, retratando um mosaico de tempos históricos acumulados ao longo dos séculos. Destaca registros e revela a construção/descrição dos espaços, tornando o fenômeno destacado perpétuo em um recorte temporal. Como docentes em formação, existe a necessidade de aprofundamento da leitura nos alunos de graduação em Geografia da UEPB, visto que, há uma enorme carência de leitura por parte desses discentes. Durante o desenvolvimento dos conteúdos ministrados nas disciplinas, percebe-se uma grande dificuldade em interpretação textual e contextualização histórica dos temas abordados por parte da grande maioria dos nossos alunos. Sabemos que a literatura mundial, principalmente a clássica, está repleta de leituras que descrevem de maneira magistral a realidade histórica de uma época e trazem em sua essência discussões geográficas imprescindíveis para o entendimento da organização mundial. O trabalho é estritamente teórico e a metodologia utilizada foi fenomenologia, abordando a literatura enquanto um fenômeno social, produzido a partir de perspectivas espaciais e contextualização histórica, nos revelando as múltiplas facetas incorporadas aos textos literários, fundamentando os temas propostos na literatura ficcional. Dessa forma, é exposta a dificuldade interpretativa dos alunos e sua correlação com os temas abordados na academia, o que revela a necessidade de suporte bibliográfico ficcional para complementação e entendimento das leituras acadêmicas.

**Palavras-chave:** Geografia, Literatura, Educação.

### INTRODUÇÃO

A Geografia, amplamente aplicada em seu conhecimento empírico, transforma-se em ciência na segunda metade do século XIX, incorporando às suas análises, novos temas e abordagens. Para Oliveira, "o uso da literatura pela Geografia começou no início do século XX como um instrumento para descrição e referência dos lugares, um complemento à análise regional" (OLIVEIRA: 2018, p. 13).

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia e Professora do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB [geostedile@hotmail.com](mailto:geostedile@hotmail.com);

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB [marceleliiima@gmail.com](mailto:marceleliiima@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB [julianalspb@yahoo.com.br](mailto:julianalspb@yahoo.com.br)

A abordagem aprofundada do subjetivismo da paisagem pela Geografia é recente. Somente por volta de 1970, começa realmente a ser encarada como dado científico, sendo, dessa forma, introduzida no contexto das análises acadêmicas. A paisagem revela-se assim, como sendo resultado das manifestações culturais que orientam funcionalidades e redimensionam o espaço urbano com forte influência da cultura presente no grupo. Paralelo a isso, a geografia crítica aprofunda suas abordagens acerca dos conceitos geográficos, emergindo com destaque o conceito de território.

Com a ampliação dos estudos culturais, a Geografia Crítica colocou em seu escopo as análises literárias. Esse tipo de análise, através da denúncia social, influenciava as pessoas, influenciando o surgimento de um pensamento crítico, oposto ao da ideologia vigente. O viés literário, discute e aprofunda temas como: feminismo, regimes de governo, guerras, teocracismo, entre outros. Traz à baila discussões que servem para transformação social, lutas e engajamento. O viés literário incentiva os leitores à criticidade, fazendo oposição à literatura meramente descritiva.

Isso ocorreu depois de grandes mudanças nas ciências sociais, especialmente na Antropologia, achegada à escola cultural inglesa de inspiração humanista (CÔRREA e ROSENDAHL, 2007). Em resposta aos trabalhos da Nova Geografia e sua visão quantitativa, a escola inglesa estabeleceu o lugar, bem como nos relacionamos com ele, como objeto de estudo geográfico. Para Oliveira,

Assim, a literatura teria a prerrogativa de registrar mesmo que indiretamente as experiências e visões que o/a autor/a conserva com a localidade, através da sua percepção, além de descrever objetivamente a localidade no recorte temporal em que foi escrito. O sentido da visão foi extremamente valorizado por este movimento. (OLIVEIRA, 2018: p. 12)

No Brasil, a literatura vem sendo discutida pela Geografia Cultural com maior intensidade desde a década de 1970, porém ainda a passos lentos. Poucos geógrafos se interessam pelo assunto no país, como A. Bastos, R. Haesbaert e C. Monteiro, além de referimentos sobre o assunto nos livros de Côrrea e Rosendahl que são atuais expoentes da Geografia Cultural brasileira (CÔRREA, 1998; CÔRREA e ROSENDAHL, 2007). Diante do visível emprego da literatura de forma instrumental e da valorização do romance realista, germina a ideia que suscita o espaço nos elementos dos textos literários, com a indicação que o espaço não é só descrito e exposto, mas condiciona à escrita de forma única. Criticando os movimentos anteriores, Brosseau explicita:

Em suma, a maioria dos trabalhos mostra uma utilização transitiva que se apoia em uma concepção instrumental da literatura, segundo a qual sua pertinência enquanto objeto precisava ser procurada fora dela mesma. É legítimo recorrer a ela em razão de uma finalidade externa: aquilo que ela pode nos ensinar sobre o mundo. Este caráter instrumental – que é difícil de se contornar – repousa, evidentemente, em motivos diferentes, mas as razões frequentemente são as mesmas, servindo as suas respectivas causas: para uns, a literatura serve como fonte de informações; para outros, serve para colocar o homem no centro das preocupações; ou, ainda, para criticar o status quo, tendo em vista uma melhor justiça social (BROSSEAU, 2007a, p. 60).

É fundamental compreender que as diferentes relações da sociedade em relação aos espaços, os detalhes dessa divisão, irá favorecer um controle e definir como os territórios serão organizados. As paisagens do medo, a topofilia e o espaço vivido, serão utilizados como definidores de controle social e territorial. O espaço é codificado por categorias que permitem estrutura-lo, sendo adequado às necessidades do grupo que interage no local.

A cultura não fala somente do espaço, fala também da natureza. É a partir dessa interação, que os homens atuam em seu ambiente, criando estruturas simbólicas. A arquitetura, a escultura, a pintura, o teatro e os livros (registros históricos, romances, novelas, contos, distopias) são de fundamental importância para compreensão das identidades culturais e territoriais de um povo.

O interesse pela literatura se relaciona pela procura em identificar e contextualizar ideias elaboradas por autores que possam fundamentar uma perspectiva teórica interdisciplinar. (REIGOTA, 2011). Na literatura encontramos o imaginado, sonhos, pesadelos, desejos, vivências e percepções de recortes temporais em determinados momentos históricos. A literatura mescla uma idealização, com pano de fundo histórico, nos conduzindo por um universo simbólico de (re) criação de eventos já ocorridos. Não podemos compreender de forma efetiva as geografias que se constituem, se negligenciarmos a qualidade estética dos ambientes, inclusive sua literatura.

Para Santos, (2008) as rugosidades são marcas na paisagem que mostram como as ações humanas e as sociedades vão imprimindo suas construções ao espaço geográfico, registrando suas atividades, seus costumes, suas ideias, seus sentimentos, suas percepções, suas tecnologias, suas culturas. Partindo desse pressuposto, as abordagens literárias, principalmente esses autores mais antigos, que retratam aspectos e abordagens históricas em seus escritos, são considerados clássicos, pois suas obras perpassam a temporalidade dos anos, sem perder características de atualidade.

Assim, o território constitui um conceito dialético, configurado pela unificação de opostos que se complementam entre si. Dentro de um mesmo espaço convivem diferentes raças, religiões, classes sociais, orientações sexuais, mostrando como a construção territorial carrega uma multipolaridade de ações e construções simbólicas no seu interior. A partir da revolução industrial houve um aceleração na estrutura econômica mundial, favorecendo alterações geopolíticas e territoriais.

O mundo moderno, na perspectiva da ótica da profundidade, foi construído sobre o paradigma da revolução industrial e este está sendo modificado tão rapidamente que, contraditoriamente, levamos muito tempo para perceber seus efeitos, seus sintomas. (CROCETTI, 2011: 229)

No atual contexto mundial, pautado em disputas territoriais e universos criados para beneficiar alguns países em detrimento dos outros, as discussões no âmbito acadêmico de temas como: política, economia, religião, globalização, sustentabilidade, entre outros, retornam com força total as pautas dos debates, sejam eles acadêmicos ou de senso comum. Dessa forma, o conceito de território é remetido à construção literária, gerando a construção de uma identidade socioterritorial.

Além do retrato do passado, as perspectivas futuras também são consideradas, como na literatura utópica que almeja um futuro otimista ou distópica que apreende a visão pessimista do vindouro a partir de um determinado período e/ou sobre algum assunto específico. Entendemos nesta situação o território como o grande palco dos acontecimentos, relações e ideias, uma aparição física e, ao mesmo tempo, existência imaterial do conflito de interesses dos atores sociais. Nas identidades coletivas, o território desempenha um papel central: ele constitui a base material da existência comum e fornece ao mesmo uma parte dos recursos indispensáveis à existência de cada um” (CLAVAL, 2014, p. 165).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionadas oito obras literárias foram selecionadas, com diferentes recortes temporais, vários períodos históricos e culturas, para levantamento e discussão do conceito de território, fazendo abordagens acerca dos conflitos mais modernos que foram definidores da territorialização mundial, que será discutida por diferentes vieses.

Deste modo, os livros tornam-se uma rica fonte de conhecimento sobre localidades e/ou indivíduos descritos neles, como Claval afirma “o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos de seus personagens e através de suas emoções”. (CLAVAL: 2014, p. 63) Através de uma linguagem

diferente da científica, a literatura aborda fatos cotidianos, criticam ou exaltam características socioeconômicas e assim, cria paisagens que podem se comunicar com a ciência geográfica.

Além do retrato do passado, as perspectivas futuras também são consideradas, como na literatura utópica que almeja um futuro otimista ou distópica que apreende a visão pessimista do vindouro a partir de um determinado período e/ou sobre algum assunto específico.

O presente estudo coloca em evidência um dado preocupante da nossa sociedade atual: a carência na leitura, seja ela acadêmica ou recreativa. Nesse contexto, entende-se a urgência em modificar esse quadro, partindo de uma situação local, transformando os hábitos dos discentes envolvidos na pesquisa.

Discutir obras da literatura mundial enfocando a perspectiva geográfica com delimitação para o conceito de território, é de fundamental importância, pois agrega aos textos acadêmicos, os valores discutidos na literatura mundial em uma sobreposição de tempos, abordados pelos autores clássicos e contemporâneos.

Nessa perspectiva, há uma interligação da geografia com a literatura, ampliando as abordagens geográficas. É uma maneira de entender a percepção dos autores e atores envolvidos na literatura com relação aos aspectos e conceitos geográficos, dando destaque à construção simbólica e romanceada de eventos reais.

Outro objetivo importante é delimitar em vários continentes, suas diferenças físicas, humanas, políticas, estruturais através de uma interpretação geográfico-literária, entendendo as mudanças nos diversos tempos históricos e a composição do mosaico de rugosidades que se apresenta, resgatando a prática da leitura por prazer e incentivando as leituras fora do escopo da academia, visando aprofundamento e contextualização dos temas estudados.

Das oito leituras selecionadas para a pesquisa, serão trazidas à baila nesse artigo, apenas três obras literárias que abordam o conceito de território e sua importância para a (des) construção de recortes regionais.

## **METODOLOGIA**

A escolha da linha de pesquisa consistiu pela possibilidade de maior abertura para compreender os fatos, tanto como são captados pelos personagens dos livros, quanto como pelos leitores, além de corroborar com o entendimento de imaginário e símbolos. Para a análise

utilizamos o método hipotético-dedutivo adjunto à fenomenologia. De acordo com Lima (2014), a fenomenologia não é uma ciência de dados, e sim eidética, buscando através da essência e da consciência os fatos. Mostra o sentido das coisas, a percepção, vivência e simbologia, dirigindo o conhecimento para aquilo que há de mais essencial nas ciências.

A metodologia será a Geografia Cultural, o conteúdo proposto irá mesclar a fenomenologia com a literatura clássica. Para tanto foi necessário um levantamento bibliográfico pertinente ao tema, bem como os livros da área literária que foram analisados na pesquisa. A discussão foi de caráter teórico e teve como finalidade a aproximação entre o conteúdo estudado e a realidade que se repete de tempos em tempos no mundo, gerando usos e ocupações diferentes ao longo do tempo.

Durante a leitura das obras, além dos fatos descritos, temos contato com a percepção das personagens e isto deve ser levado em conta, pois “as essências não têm existência alguma fora do ato de consciência que as visa e do modo sob o qual ela os apreende na intuição” (DARTIGUES, 2008, p. 22).

A investigação consistiu em forma totalmente bibliográfica, já que se trata inteiramente de uma análise literária. Dentre as bibliografias acadêmicas consultadas buscamos conceituar, por exemplo, território, totalitarismo, poder, identidade, símbolos e violência.

Para a realização da pesquisa foram selecionadas algumas obras da literatura, de diferentes lugares (Inglaterra, EUA, África, Rússia) que contextualizaram e destacaram a discussão do conceito de território, fornecendo entendimento do momento histórico narrado no livro, bem como a interligação com a geografia.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A literatura possui caráter plural, cada obra carrega o DNA do escritor, sua percepção e visão de mundo. Os diferentes estilos literários, gêneros e escritas, fornecem um grande material de aporte intelectual para a Geografia. Tuan 2012, mostra que a literatura, fornece informações detalhadas de épocas e paisagens, além da forma com que cada ser humano percebe o espaço vivido no qual está inserido.

A subjetividade da narrativa, com simbolismo criado por diferentes gêneros literários, muitos dos quais, utilizam fatos históricos e paisagens reais para estruturar seus escritos, nos arremessam em tempos e culturas diferentes das quais fazem parte do nosso cotidiano. Os

romances, as novelas, as distopias, as poesias, entre outros, descortinam em suas estruturas, fatos e eventos cotidianos, carregados de uma percepção e vivência que o narrador carrega em si. Os motivos que os levam a escrever, assegura à literatura uma arte infinda, revelando cenários, paisagens e rugosidades que já deixaram de existir há muito tempo.

Para a Geografia, os textos literários podem ser compreendidos como sujeito, sendo este totalmente ficcional por natureza, então os compreendemos como:

São, assim, veículos através dos quais a personalidade dos lugares e regiões, a identidade socioespacial, a experiência e o gosto pelos lugares, as diferenças e semelhanças entre lugares e regiões, assim como o desvelamento da organização sócio-espaciais são explicitados em uma linguagem não-científica (CÔRREA, 1998, p. 59).

Como resultado das leituras das obras selecionadas, foram preparadas para esse artigo, três resenhas que destacam a importância das análises literárias em geografia. A percepção de recortes temporais, mudanças culturais e vários cenários diferentes do planeta terra são levantados nessas discussões. Para Oliveira,

A literatura como as demais expressões de arte – música, teatro, cinema e etc. – é uma via onde os pensamentos, percepções, vivências e símbolos, construídos ao longo da história dos indivíduos são relatados e registrados para a posteridade, revelando símbolos construídos e descrições sobre localidades, tornando o fenômeno destacado em um recorte temporal. (OLIVEIRA, 2018:p.9)

A seguir, discutiremos um pouco da percepção que cada obra trouxe ao grupo, revelando o caráter multiplural dos temas e assuntos abordados. Cada texto será analisado de maneira individual, ficando para um momento posterior, a construção de artigos para publicação referentes a cada obra, bem como a interposição de temas semelhantes destacados nos textos.

- **ATWOOD, Margareth. O Conto da Aia.** Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 365 pg.

O espaço-tempo no qual desenvolve-se a narrativa do livro é um futuro próximo, onde fundara-se a sociedade de Gilead, após um golpe de Estado sobre os Estados Unidos da América, em um regime teocrático totalitário. Na nova estrutura social, não existem jornais, livros, revistas ou quaisquer outros veículos de informação; também foram extintas universidades e, não existem advogados, pois os julgamentos dão-se conforme as leis da Bíblia Sagrada, pois a maioria dos atos humanos são considerados pecados e, implicam pena de morte a todos que desobedecerem.

Os fundadores de Gilead tentam justificar sua existência, sob a perspectiva moral/ambiental: fora estruturada com o intuito de devolver os bons costumes sociais, dos quais a estrutura familiar tradicional é o carro chefe, lembrar a mulher da sua “função natural” – procriar e cuidar da casa – e melhorar as condições ambientais, para promover um futuro próspero para as novas gerações. Além disso, a única verdade absoluta existente é aquela que está escrita na Bíblia Sagrada e que é utilizada como argumento para todo e qualquer ato realizado nessa sociedade.

O território dessa federação é extremante demarcado, existindo diversas fronteiras vigiadas todo o tempo. As mulheres são as primeiras a perder todos os seus direitos, ficando totalmente dependentes das decisões masculinas. Devem andar sempre em pares, pois uma serve de vigia da outra e, isso faz parte da “política” de Gilead para manutenção da ordem.

Portanto, a obra nos faz refletir sobre o funcionamento social, sobre as relações paternalistas existentes, sobre o papel da mulher (se é que existam realmente papéis masculino e feminino), sobre o território como um todo. Deixa-nos claro, que o território é acima de tudo relação de poder, ou seja, a dominação sobre as pessoas se dá a partir da definição de fronteiras; verdadeiros limites que nos prendem ou nos mantém ligados (in) diretamente aos mais variados locais existentes no mundo.

- **LEE, Harper. O sol é para todos.** 19ª edição. Tradução Beatriz Horta. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2017. 350 pg.

Na pacata cidade de Maycomb Count se passa a narrativa. A história é contada pela menina Scout (Jean Louise), a filha caçula do advogado Atticus Finch, viúvo que cuida de seus dois filhos sozinho com a ajuda da empregada da família. Moram em uma rua que todos os vizinhos se conhecem e, há uma lenda de um antigo morador, não visto faz muitos anos: Boo Radley. Os Finch's compõem uma renomada família que participou na fundação da cidade.

Atticus Finch era um pai presente sempre que podia. Por ser advogado, passava o dia no tribunal de Maycomb.. Um dia, se viu num caso, no qual ele fora advogado de defesa de um negro. Para a época, Atticus virara motivo de chacota, pois um homem branco defender um negro, sobretudo num caso de estupro, era inadmissível. Seus filhos passaram a ser apontados na rua e não entendiam o porquê, tendo a mesmo explicado a situação para eles.

O dia do julgamento fora o mais esperado pela população da cidade. No tribunal negros e brancos não se misturavam, cada cor tinha seu lado de ocupação. O julgamento durou o dia inteiro e, Atticus conseguiu provar a inocência do seu cliente, cuja acusadora, havia se atraído

por ele, mas não teve sucesso no flerte e, quando o pai dela viu a cena, espancou a mesma, obrigando-a incriminá-lo. Mesmo assim, a palavra de um branco, mesmo sendo mentira, valia mais que uma de negro e, assim, o pobre Tom Robinson fora condenado e preso.

O território da narrativa é bem delineado. É descrito desde os limites do município até mesmo os lugares que as crianças podem ir. A escola é territorializada, a mulher, o chão que as pessoas pisam, o lugar dos negros – sim, porque a comunidade negra fica distante da cidade – além do território mental/subjetivo também aparecer na história. Ele vem impresso em traços históricos, culturais e subjetivos dentro do texto nos mostrando um pouco da realidade da época, que perduram até a atualidade.

O sol é para todos nos traz relatos de situações ocorridas num período histórico diferente do nosso, mas que contém algumas semelhanças com nossa realidade. Mostra-nos a ingenuidade das crianças, a honra e moral da sociedade da época, como também os preconceitos e machismo existentes. Portanto, o autor, nos proporcionou correlacionar as situações descritas em sua composição, com nossas próprias relações familiares, pessoais, conjugais ou trabalhistas, de modo que pudéssemos perceber, que algumas coisas nunca mudaram de fato na sociedade.

- **SALIH, Tayeb. Tempo de Migrar para o Norte.** Tradução: Safa Abdou – Chalha Jubran. 2ª ed. São Paulo: TAG/Planeta do Brasil, 2018. 175 pg.

O romance Tempo de Migrar para o Norte, conta as histórias de Mustafa Said, que se viu dividido entre dois continentes: Europa e África. Reflete sobre o colonialismo britânico na África, além de tecer críticas ao governo sudanês no pós colonialismo. Se passa num povoado às margens do Rio Nilo e mostra-nos traços da cultura, religião e comércio local.

Mustafa Said fora um órfão de pai, cuja relação afetiva com a mãe era distante. Sua jornada iniciou-se cedo, ao adentrar a escola pela primeira vez. Era uma mente inteligentíssima, o que levou-o a mudar-se para outro estado. Teve tutores no Cairo, o que permitiu sua expansão intelectual. Após o Cairo, fora para Londres onde tornou-se um devasso e acusado de crimes contra a honra.

O narrador desconhecido fora o escolhido pelo autor, para conhecer toda a história de Mustafá e, posteriormente, o incumbido de tomar conta de sua esposa e filhos. Ao contar toda sua trajetória e dividir seus erros, Mustafa some, e ao que tudo indica, ele tira a própria vida, sumindo nas águas do Rio Nilo.

A narrativa explora os momentos políticos vividos pelo narrador e por Mustafa, que embora parecidos, aconteceram em épocas diferentes. Said, presenciou a África colonizada por ingleses, enquanto o narrador, viveu o governo próprio africano, ambos mostrando as tensões sofridas pela modernização e resistência dos costumes e políticas do país.

Portanto, vemos um mesmo território ocupado de várias formas. Mustafa sente-se perdido, enquanto o narrador tem a sensação de pertencimento ao lugar. A família é territorializada. O machismo é territorializado. A mulher é territorializada. Questões para refletirmos, ainda presentes na religião sudanesa, que de certa forma causam impasses diante do progresso, da tecnologia e devem ser consideradas durante a leitura.

Assim, após a leitura e análise dessas obras, entendemos que, o território social, tanto quanto o físico, demonstraram nas narrativas, o quanto as relações de poder ainda interferem em nossas decisões, em nossas alocações e costumes. Portanto é necessário que reflitamos os processos de estruturação social para podermos compreender as relações e dominação de iguais, uns sobre os outros, que se dão, na maioria das vezes, através da detenção territorial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme discutido, a literatura conta a visão dos diferentes autores como reflexão ou crítica, aponta o simbolismo e/ou a percepção, são olhares geográficos sobre a paisagem. No caso específico das obras selecionadas para esse trabalho, o conceito de território é explorado sob diferentes perspectivas, diferenças entre ocidente e oriente, o território da segregação racial americana, delimitando espaços a serem utilizados, regimes totalitários teocráticos, viagens, percepções e busca de entendimento, a política como divisor territorial e articulador econômico, classes, castas e segmentação são temas relevantes e atuais.

Os conceitos da Literatura trazidos para análise geográfica, tem o objetivo de respeitar a constituição do texto literário. O olhar aqui dispensado, estabelece uma articulação de conceitos, integrando e interligando ciências distintas. A imaterialidade da construção do território pela identidade das obras, fornece subsídios para o entendimento do contexto histórico em que as obras se passam.

Por fim, pode-se entender como a Literatura atua em conjunto com a Geografia, formando uma sobreposição de recortes temporais, auxilia na prática da leitura e, por

consequência, na formação do discente. Entende-se que o leitor é um transmissor de conhecimento, indiretamente atuando na perpetuação do hábito de ler.

## REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margareth. O conto da Aia. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 365 pg.
- BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) Geografia Cultural – uma antologia – vol. II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. Pg: 265-292.
- BROSSEAU, M. O romance: outro sujeito para a geografia. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Literatura, música e espaço. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007b. P. 79-122. Coleção Geografia Cultural; 14.
- CLAVAL, P. A geografia cultural. 4 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. 456 p.
- CÔRREA, R. L., ROSENDAHL, Z. Literatura, música e espaço: Uma introdução. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Literatura, música e espaço. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. P. 7-16. Coleção Geografia Cultural; 14.
- CROCETTI, Z. Geografia e poder: a dialética do território. In: MARANDOLA JR, E.; SALVI, R. F. Geografia e interfaces de conhecimento. Debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente. Londrina: Eduel, 2011. Pg: 229-252.
- DARTIGUES, A. O que É a Fenomenologia? Tradução de Maria Jose J. G. de Almeida. 10 ed. São Paulo: Centauro, 2008. 154 p.
- LEE, Harper. O sol é para todos. 19ª edição. Tradução Beatriz Horta. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2017. 350 pg.
- LIMA, A. B. M. O que é fenomenologia? In: LIMA, Antonio Balbino Marçal (org.). Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [eletrônico]. Ilhéus: Editus, 2014. ISBN: 978-85-7455-444-0
- OLIVEIRA, M. L. DE. Geografia e Literatura: o conceito de território na trilogia Jogos Vorazes. TCC (Graduação em Geografia). UEPB/CH/DG, Guarabira, 2018. 1 vol., il. 38 f.
- SALIH, Tayeb. Tempo de Migrar para o Norte. Tradução: Safa Abdou – Chalha Jubran. 2ª ed. São Paulo: TAG/Planeta do Brasil, 2018. 175 pg.
- SANTOS, M. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 175 pg.
- TUAN, Y-Fu. Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342 pg.